
CIDADES, Comunidades e Territórios



As relações de vizinhança nas redes de suporte social num bairro social: Um estudo com residentes no Bairro de Santiago em Aveiro

Ana Paula Caetano, Assistente Social no Projecto Giros, IPSS Florinhas do Vouga¹

Sónia Guadalupe, Assistente Social; Professora Auxiliar do ISMT, Instituto Superior Miguel Torga; Investigadora do CEPSE, Centro de Estudos da população, Economia e Sociedade²

Abstract

The present study describes the relationships networks with neighbours and the perceived social support by the residents of Santiago neighbourhood in Aveiro. The sample consists of 80 local residents, 50 women and 30 men aged between 18 and 83 years old. To assess the studied variables we used a questionnaire to characterize the socio-demographic and socio-professional situations, the residence, and the perceived relationship with the neighbourhood, the Instrument of Social Ego-Network Analysis in a modified version (Guadalupe, 2009), and the eco-map for the characterization of the relationship observed with a secondary network (Hartman & Laird, 1983). About half of the sample reported that they like living in the neighbourhood, characterizing it as their ideal place of residence and indicating that they have a very close relationship with their neighbours. The older residents of the neighbourhood have smaller support networks, but with a higher quadrant of neighbourly relations within the network. The ideal place of residence and close neighbourly relations appear to be decisive in the perceived quality of support, particularly in the frequency of contact with the quadrant of the social network neighbourhood. This study offers us an approach to how networks are woven in this neighbourhood, leading us to rethink social intervention in order to leverage the resources of neighbourly relations and foreign affairs to the neighbourhood.

Keywords: Social Support; Social Neighbourhood; Neighbourly Relations.

Introdução

Os chamados bairros sociais constituem frequentemente grandes aglomerados habitacionais e zonas urbanas aos quais se associa geralmente uma imagem estigmatizada e aplicada indiscriminadamente. Esta imagem alimenta-se da ideia de “os bairros são todos iguais” (Fernandes, 1997: 93), sendo etiquetados como lugares de pobreza, marginalidade e violência, num processo idêntico ao que Goffman descreveu para a “rotulação” de indivíduos ou

¹ ana_paula_pc@hotmail.com.

² guadalupe@ismt.pt.

grupos. Os bairros sociais são associados a lugares “onde a cidade urbano-industrial se interrompe, são os sítios onde a urbe cosmopolita cede lugar a uma outra figura” (idem: 95), diferente da reconhecida no resto da cidade.

O Bairro e Urbanização de Santiago (designados adiante por Bairro de Santiago) estão integrados na freguesia da Glória, uma zona central da cidade de Aveiro, sendo o bairro com habitações sociais designado por alguns como “comboios amarelos”, por ser constituído por prédios longos em comprimento. É uma zona residencial tida como uma das piores relativamente à insegurança e degradação dos espaços públicos, apesar de ser dos locais da cidade com mais espaços verdes, constituindo uma excepção ao que se conhece nos bairros congéneres nas restantes cidades do país. Construído a partir da década de 70, alberga hoje cerca de 45 por cento da população da freguesia urbana da Glória, concentrando um elevado número de agregados familiares habitando em prédios em altura. Partindo dos diagnósticos sociais comunitários levados a cabo pelos técnicos que intervêm no bairro, nomeadamente por parte da IPSS Florinhas do Vouga, predominam no contexto deste bairro um conjunto de problemas sociais, dos quais se destacam: desemprego; abandono e negligência de menores; insucesso e abandono escolar; delinquência; tráfico e consumo, abuso e dependência de substâncias psicoactivas; sem-abrigo.

Os bairros sociais surgem num momento histórico marcado pela consolidação de fortes assimetrias e desequilíbrios internos com consequências profundas na estruturação física e social da cidade e regiões circundantes (Sebastião, 1995), situação que desencadeou mecanismos de segregação socio-espacial, de que resultou a expulsão de certos grupos sociais das zonas mais valorizadas para espaços periféricos geralmente degradados ou pouco valorizados.

A densidade populacional é um elemento importante para compreender o comportamento dos residentes das grandes urbes, mas é apontada como não sendo suficiente para perceber a anomia e a frequente quebra de vínculos sociais no espaço urbano (Soczka, 1988), ainda que o ambiente tenha influências directas nos comportamentos. Resgatamos aqui alguns contributos da Psicologia Ambiental devido à importância que esta disciplina atribui ao funcionamento territorial, identidade de lugar, vinculação ao lugar e ao significado do ambiente para o sujeito, estudando a influência do ambiente sobre a sociedade e os indivíduos, a importância que assume o ambiente real a que o ser humano se adapta e transforma (Morval, 2007). Silva (2001) defende que, para estudar a ecologia do desenvolvimento humano, há que retomar o estudo de como o indivíduo se desenvolve interactivamente com o ambiente imediato e como o contexto social mais amplo afecta o que ocorre no contexto imediato do indivíduo, sendo um dos conceitos centrais a “pressão ambiental” (Silva, 2001), ou a influência combinada das forças em presença num ambiente para condicionar o comportamento e desenvolvimento dos indivíduos naquele contexto.

Segundo a perspectiva ecológica do desenvolvimento humano, a rede social do indivíduo integra um conjunto de sistemas sociais que o influenciam e que o próprio influencia permanentemente. Esta perspectiva permite-nos ver para além das causas tidas como mais imediatas das situações e comportamentos das pessoas, já que tem em conta as complexas influências históricas e ambientais que aí intervêm, tanto directa como indirectamente (Lacroix, 1990, cit. por Silva, 2001). As redes de suporte social desempenham um importante papel na qualidade de vida das comunidades humanas, nomeadamente ao acreditarmos que a qualidade de vida de um agregado populacional urbano, como um bairro, assenta essencialmente na possibilidade de assistência mútua, na implicação na comunidade e nas relações interpessoais. As redes sociais não oferecem apenas suporte ao indivíduo, oferecem também identidade social.

Numa perspectiva centrada no sujeito, Sluzki (1996: 42) define rede social pessoal como o conjunto de “todas as relações que um indivíduo percebe como significativas ou que define como diferenciadas da massa anónima da sociedade. Essa rede corresponde ao nicho interpessoal da pessoa e contribui substancialmente para seu próprio reconhecimento como indivíduo e para a sua auto-imagem”. Noutras palavras, “as redes sociais são sistemas abertos que, através de um intercâmbio dinâmico entre os seus membros e os elementos de outros grupos sociais, potencializam outros recursos (cada membro de uma família, grupo ou instituição enriquece-se através das múltiplas relações que cada um dos outros desenvolve)” (Alarcão e Sousa, 2007: 356).

Neste estudo partimos das dimensões e características das redes sociais sistematizadas por Guadalupe (2009), baseadas em Sluzki (1996) e Bárron (1996). Guadalupe (2009) define a dimensão estrutural como a organização da teia relacional, reporta a dimensão funcional para as trocas funcionais que ocorrem na rede e a dimensão relacional e contextual inscreve as relações no seu contexto específico e história. “Conjugadas estas três dimensões (...) poderemos analisar as redes de suporte social nos eixos sincrónico e diacrónico” (Guadalupe, 2009: 74), sendo que, no presente estudo, apenas nos centramos nalgumas das características estruturais, funcionais e contextuais que integram tais dimensões, assumindo centralidade o contexto de bairro.

O contexto social mais imediato das famílias urbanas materializa-se na rede de relações sociais que mantém, e não no local em que vivem, independentemente destas relações estarem limitadas ou não a determinado local. Bott (1990) refere mesmo que as relações de vizinhança não são algo que se impõe por si mesmo às famílias, pois, dentro dos seus limites, as famílias podem sempre escolher o local onde vão viver, e os vizinhos com os quais estabelecem laços. A selecção de amigos depende de outros critérios como o sentimento de semelhança social (Bott, 1990), sendo vínculos que se diferenciam por serem activamente construídos. No mesmo sentido, Chadi (2000) indica que as relações de vizinhança apresentam indicadores homogéneos relativamente aos níveis económico, cultural e social, sendo geralmente caracterizadas pela horizontalidade e complementaridade. Chadi (2000) refere que o facto das relações de vizinhança implicarem uma partilha do mesmo contexto físico vai arbitrar a sua qualidade de “unidade e permanência”. A unidade diz respeito ao que os vizinhos partilham na comunidade, isto é, as ruas, comércio, praças, instituições, centros recreativos, entre outros. Esta unidade leva a que os indivíduos se sintam inseridos no contexto com uma identidade comunitária, reconhecida pelos vizinhos como uma entidade própria e que constrói a sua cultura social. A permanência não está relacionada com o tempo que cada grupo permanece num local, mas diz respeito ao tempo despendido na dinâmica das relações de vizinhança, ou seja, em torno de relações que se formam e se desenvolvem. A autora acrescenta ainda a importância da flexibilidade no sistema de vizinhança, considerando os contactos externos como facilitadores, na medida em que o grupo comunitário possa ser mais aberto ou fechado, conservando os seus pontos de unificação. É através da flexibilidade que se gera intercomunicação e se constrói a rede de relações comunitárias.

Os primeiros estudos realizados sobre a influência de proximidades espaciais no estabelecimento de vinculações afectivas e laços funcionais apontam no sentido de a vizinhança ser por si um elemento determinante da constituição das redes sociais urbanas (Soczka, 1988). Assim, Festinger et al. (cit. por Soczka, 1988) verificaram de forma inequívoca que a proximidade física, em termos de alojamentos, constituía um factor de relevo na constituição de redes de afiliação social. A vizinhança imediata gerava uma grande probabilidade de constituição de amizades.

A propósito desta ideia, Wellman e Leighton (1979) realizaram um estudo sobre relações comunitárias, tendo referido a importância que decorre da localização espacial das estruturas e da consequente integração normativa dos residentes de um bairro. A relação tempo/espaço e a acessibilidade encorajam as relações locais, no entanto, Wellman e Leighton (1979) apontam ainda a importância da existência de vínculos fora do bairro, mesmo nas comunidades ditas mais completas, como os vínculos das relações de trabalho. Para estes autores, estas relações são aquelas que potenciam a ruptura dos habituais vínculos normativos dentro do bairro, ideia que vai de encontro ao factor que Chadi (2000) refere como potenciador da flexibilidade nas relações.

Wellman e Leighton (1979) estudaram a questão comunitária dando destaque a três formas diferentes de entender os vínculos que se estabelecem, constituindo três comunidades-tipo: *Community Lost* (“comunidade perdida”), definida como aquela em que os vínculos primários enfraqueceram, tornando o indivíduo mais dependente da sua rede mais formal; *Community Saved* (“comunidade salva”), caracterizada por apresentar uma forte rede de sociabilidade e suporte, onde são encorajados os residentes a manter a rede primária de forma a flexibilizar a existência de vínculos; e *Community Liberated* (“comunidade liberta”), caracterizada por apresentar complexas redes de interligações entre as diferentes comunidades, atribuindo-se esta característica a uma facilidade crescente de comunicação e transporte, a uma separação do local de habitação do local de trabalho e a uma crescente percentagem de mobilidade social e residencial. Na mesma obra, os autores concluíram que a análise de rede pode dizer que laços permanecem abundantes e importantes para o indivíduo e a localização destes vínculos, defendendo que esta análise seria mais eficaz do que o tradicional foco no estudo de bairro, visto

que os estudos de bairro tradicionais tendem a centrar-se mais nas características sociodemográficas e socioprofissionais dos seus residentes, e não tanto nas características relacionais próprias da análise de rede.

Em Portugal, Soczka (1988) realizou um estudo no bairro da Musgueira, em Lisboa, um bairro caracterizado pelo autor como “bairro pobre incrustado como gueto no tecido urbano” (Soczka, 1988: 324). No entanto, reafirma a ideia que a pobreza residencial dos espaços urbanos não significa necessariamente desejo de mudança relativamente ao meio habitacional, assinalando que, normalmente, os residentes de bairros degradados são contrários a iniciativas municipais que os realojem não importa de que maneira, ressaltando o sentimento de pertença dos residentes ao seu bairro, tido como “lugar quotidiano de intercâmbios sociais e funcionais numa comunidade de vizinhança rica em afectos, que as feias e tristes fachadas dos prédios semiarruinados tendiam a esconder ao observador desprevenido” (Soczka, 1988: 324). Nesta perspectiva, o mosaico urbano surge-nos cada vez mais como uma complicada rede de subculturas, em que uma cultura dominante acaba por deter os privilégios dos acessos aos lugares de decisão da administração municipal. As subculturas minoritárias (como o caso da Musgueira) são encaradas numa óptica distorcida pelas suas próprias relações e identidades subculturais, não raras vezes gerando-se conflitos a médio, curto ou longo prazo, por uma mera questão de falta de comunicação entre estes “mundos próprios” (ibidem).

Estes estudos realizados na Musgueira Sul (Soczka et al., 1985, 1987, 1988) permitem afirmar que a proximidade de vizinhança dita as relações quotidianas e fundamenta as estratégias de suporte económico e afectivo. As territorialidades foram igualmente consideradas como bastante marcadas neste bairro, a avaliar pela importância que a rua desempenha enquanto prolongamento da casa, juntamente com o café, associação ou parque.

Num destes estudos, com uma amostra de 46 famílias (abarcando um total de 111 indivíduos) da Musgueira Sul, Soczka (1988) concluiu que cerca de 63% dos indivíduos referiram que a Musgueira é o local onde desejariam residir, predominando opiniões positivas em relação ao bairro e ao seu ambiente. O autor acrescenta mesmo que existe um sentimento de segurança e que o bairro, enquanto comunidade assente basicamente em redes de vizinhança, assegura um manifesto controlo social dos espaços. Grande parte dos entrevistados (cerca de 80%) apontaram os vizinhos da Musgueira Sul como aqueles que gostariam de ter em caso de mudança de residência; aliás, 62,2% da amostra refere mesmo gostar das pessoas aí residentes, apontando as justificações para a valorização da interacção positiva entre as pessoas aí residentes.

A situação anteriormente descrita realça a importância da relação entre vizinhos que se manifesta na população entrevistada, esta relação traduz-se pela existência de redes de suporte, nomeadamente afectivo, económico e físico – “redes informais assentes em grupos vivendo em grande proximidade espacial” (Soczka, 1988: 328).

Wellman (1996), numa reanálise de um estudo que realizou em Toronto em 1988, contrariou os estudos anteriormente realizados, que defendiam que os vínculos com pessoas demograficamente próximas representam apenas uma minoria dos laços activos dos indivíduos e que, ao longo do tempo, as relações de bairro não eram de facto muito importantes. O autor mostra que a frequência de contactos é tão importante como os vínculos mais fortes. Wellman (1996) concluiu nesta análise que as relações comunitárias são uma minoria na rede social dos sujeitos da amostra recolhida do bairro em Toronto e que o suporte social fornecido por este quadrante também não é muito significativo (concentra-se mais no apoio material e instrumental); no entanto, é nas relações locais que o indivíduo concentra a maior parte dos seus contactos.

Uma leitura generalista e preconceituosa associa os bairros sociais a lugares que acozariam a cidade, ao serem percebidos como a sede de indivíduos marginais e o centro de dissocialidades que afectariam o equilíbrio da urbe (Fernandes, 1997). No entanto, podemos perspectivar um bairro social como um sítio protector para os indivíduos e famílias, o local das suas redes de sociabilidades, dos seus percursos familiares, da interacção quotidiana, dos encontros e das rotinas. Partindo desta ideia, enquadrámos o nosso estudo, definindo de seguida os seus objectivos.

Objectivos de Estudo

Partindo do diagnóstico social do Bairro de Santiago realizado pelos técnicos que intervêm neste contexto, o estudo sobre as redes de vizinhança assume pertinência, pela aproximação e compreensão das dinâmicas das redes de suporte social dos vínculos do residente do bairro de Santiago, centrando-se a dimensão integradora na rede de sociabilidades dos residentes do bairro. Assim, numa perspectiva sistémica, o objectivo primordial deste estudo é caracterizar a rede de suporte social dos moradores do bairro de Santiago, procurando compreender se aspectos relacionados com a residência no bairro e a relação percebida com a vizinhança influenciam o suporte percebido destes indivíduos e as relações que desenvolvem com os vizinhos do bairro. Para a sua operacionalização contemplaram-se os seguintes grupos de variáveis: partindo das características sociodemográficas e socioprofissionais, das características da residência no bairro de Santiago, da relação percebida com a vizinhança e da relação percebida com a rede secundária procede-se à caracterização da rede social pessoal do residente do bairro de Santiago quanto às suas características estruturais (tamanho da rede, composição da rede e densidade da rede); quanto às suas características funcionais (frequência de suporte social e reciprocidade funcional da rede); e quanto às suas características contextuais (frequência de contactos entre os elementos e dispersão geográfica da rede de contactos).

Participantes

Para este estudo recolheu-se uma amostra não probabilística dos residentes no universo dos 1059 fogos do Bairro de Santiago³. A recolha de dados decorreu de Março de 2009 a Agosto de 2009 (inclusive). A selecção dos indivíduos constituintes da amostra realizou-se de forma intencional e por conveniência. Os principais critérios de inclusão considerados foram: indivíduos residentes no bairro de Santiago por um período mínimo de 1 ano com idade superior a 18 anos. O estudo teve a colaboração da IPSS Florinhas do Vouga.

Características da Amostra

A amostra é constituída por 80 residentes no Bairro de Santiago, que corresponde a 1,5% do universo de moradores.

³ Para a definição da amostra partimos dos dados conhecidos sobre os habitantes do bairro em causa. Sabemos que na sequência do processo de realojamento, nos anos 80 e 90, surgem o Bairro e Urbanização de Santiago, na Freguesia da Glória, com 1059 fogos de Habitação Social, onde residiam cerca de 4000 indivíduos (dados obtidos pela Divisão de Habitação da Câmara Municipal de Aveiro, no ano de 2005). Considerando estes dados, foi possível verificar que, nas 433 Habitações Sociais da Câmara de Aveiro, residem 2334 indivíduos, nos quais se inclui avô, avó, pai, mãe e jovens maiores de 18 anos, e 1311 crianças e jovens, nos quais se inclui netos, bisnetos, enteados e jovens menores de 18 anos. Deste modo, podemos estimar que nos 1059 fogos vivam actualmente 5400 adultos e 3200 menores de 18 anos de idade.

Tabela 1. Características sociodemográficas da amostra (n=80)

		<i>n</i>	%	Medidas descritivas
Género	Masculino	30	37,5	Moda: Feminino
	Feminino	50	62,5	
Idade	18-24 anos	10	12,5	Média = 44,18 Desvio-Padrão ±16,32 Min=18, Max=83
	25-34 anos	18	22,5	
	35-44 anos	16	20	
	45-55 anos	16	20	
	55-64 anos	10	12,5	
	> 65 anos	10	12,5	
Estado Civil	Solteiro	21	26,3	Moda: casado com registo
	Casado com registo	24	30	
	Casado sem registo / união de facto	10	12,5	
	Separado de facto	3	3,8	
	Divorciado	13	16,3	
	Viúvo	9	11,3	
Nível de Instrução	Sem instrução	5	6,3	Moda: 1º ciclo do Ensino Básico
	Ensino básico 1º ciclo	35	43,8	
	Ensino básico 2º ciclo	25	31,3	
	Ensino básico 3º ciclo	7	8,8	
	Ensino secundário	6	7,5	
	Ensino superior	2	2,5	
Principal Meio de Vida	Rendimento do trabalho	33	41,3	Moda: rendimento do trabalho
	A cargo da família	16	20	
	Pensão	15	18,8	
	Rendimentos (propriedade/empresa)	3	3,8	
	Subsídio de desemprego	2	2,5	
	Rendimento social de inserção	1	1,3	
	Apoio social eventual	10	12,5	
Situação na profissão	Trabalhador por conta de outrem	32	40	Moda: Trabalhador por conta de outrem
	Trabalhador por conta própria/isolado	1	1,3	
	Trabalhador familiar não remunerado (doméstico)	3	3,8	
	Desempregado	26	32,5	
	Estudante	3	3,8	
	Reformado	11	13,8	
	Incapacidade perante o trabalho (invalidez)	4	5	

Fonte: Dados dos autores.

A amostra em estudo divide-se entre 30 homens e 50 mulheres, representando estas a maioria da amostra. Relativamente ao estado civil, 30% dos sujeitos são casados com registo, os solteiros representam 26% da amostra, sendo menos frequentes os divorciados (16%), em união de facto (13%), os viúvos (11%) e os separados de facto (3%). A média de idades da amostra é de 44 anos, sendo que 63% dos indivíduos tem idades compreendidas entre os 25 e os 55 anos⁴.

⁴ Só foram incluídos no estudo participantes com idades superiores a 18 anos.

Relativamente ao nível de instrução, 65 sujeitos (81%) apresentam níveis de instrução abaixo do obrigatório na actualidade, que é o 3º ciclo do ensino básico, sendo que 6,3% não possuem qualquer tipo de instrução e apenas um número pouco significativo de indivíduos declara ter o ensino secundário e o ensino superior. Quanto ao meio de vida, 41% dos sujeitos da amostra referiu viver dos rendimentos do trabalho, seguindo-se os que vivem a cargo da família (20%), que são sobretudo os desempregados, estudantes e domésticas, representando os pensionistas 19% da amostra. Quanto à situação na profissão, são sobretudo trabalhadores por conta de outrem (40%), na sua maioria “pessoal dos serviços e vendedores” e “trabalhadores não qualificados”, e desempregados (33%). Tais características mostram que mais de metade da amostra (56%) não apresenta um meio de subsistência próprio, estando dependente da família e/ou de subsídios ou pensões. É de assinalar que apenas 1 inquirido é beneficiário do Rendimento Social de Inserção, recorrendo 12,5% a apoios sociais esporádicos, o que revela a importância dos serviços de apoio social existentes no bairro.

Material e métodos

Neste estudo foram utilizados três instrumentos de recolha de dados: o inquérito por questionário para caracterização, onde constam dados relativos quanto à caracterização sociodemográfica, socioprofissional, sociofamiliar, situação habitacional e da relação percebida com a vizinhança⁵; o Instrumento de Avaliação das Redes Sociais Pessoais (Guadalupe e Alarcão, in Guadalupe, 2009) que permitiu analisar as características estruturais, funcionais e contextuais das redes de suporte social, para este estudo o IARSP foi adaptado para ser aplicado aos moradores do Bairro de Santiago; e o eco-mapa (proposto por Ann Hartman em 1975, e descrito em 1983 por Ann Hartman e Joan Laird, in Guadalupe, 2009: 90), que identifica o inquirido e os sistemas (rede secundária) com os quais o indivíduo se relaciona, assim como a tipologia dos fluxos de energia presentes.

Resultados

Residência no Bairro de Santiago

As características habitacionais constituem um factor relevante na análise deste estudo, nomeadamente a naturalidade, o tempo de residência no bairro, o regime de alojamento, a composição do agregado familiar, a mudança de residência e motivo em caso de mudança de residência.

⁵ Questões adaptadas de Soczka, L. (1988). Ecologia Social do Risco Psicológico em Meio Urbano. *Psicologia*, VI (3), 307-346 (cf. pp. 326 e 327).

Tabela 2. Variáveis relativas à residência no Bairro de Santiago e vizinhança (n=80)

		<i>n</i>	%	Medidas Descritivas
Tempo de residência	<= 1	4	5	Média = 14,89 Desvio-Padrão ± 6,78 Min=1, Max=30
	2-6	5	6,3	
	7-11	14	17,5	
	12-15	15	18,8	
	16-20	29	36,3	
	21-25	10	12,5	
	>=26	3	3,8	
Naturalidade	Freguesia da Glória	35	43,8	Moda: Freguesia da Glória
	Outra freguesia de Aveiro	29	36,3	
	Outra cidade de Portugal	12	15	
	Estrangeiro	4	5	
Tipo de família	Família nuclear	28	35	Moda: Família nuclear
	Família nuclear truncada	16	20	
	Família nuclear alargada	10	12,5	
	Família nuclear truncada e alargada	11	13,8	
	Isolado	7	8,8	
	Outro tipo de família	8	10	
Mudança de residência para o bairro	Sim, mudou para o bairro	56	70	Moda: sim, mudou para o bairro
	Não, é autóctone	24	30	
Motivo da mudança de residência para o bairro	Motivo familiar	15	26,8	Moda: motivo económico
	Motivo económico	30	53,6	
	Motivo profissional	1	2	
	Motivo familiar e económico	8	14	
	Outro motivo	2	3,6	
Regime de alojamento	Ocupado pelo proprietário	15	18,8	Moda: arrendado
	Arrendado	65	81,3	
Local ideal de residência	No bairro	37	46,3	Modas: no bairro; outro local em Aveiro
	Outro local em Aveiro	37	46,3	
	Outro local fora de Aveiro	6	7,5	
Proximidade com a vizinhança	Muito próxima	27	33,8	Moda: muito próxima
	Próxima	25	31,3	
	Pouco próxima	26	32,5	
	Nada próxima	2	2,5	
Quem gostaria de ter como vizinhos	Gosto dos vizinhos que tenho agora	52	65	Moda: gosto dos vizinhos que tenho agora
	Gostaria de ter outras pessoas conhecidas como vizinhos	25	31,3	
	Gostaria de ter outras pessoas desconhecidas como vizinhos	3	3,8	

Fonte: Dados dos autores.

Verificamos que os inquiridos vivem em média há 15 anos no bairro, sendo 44% naturais da freguesia da Glória, freguesia onde se situa o Bairro Santiago, 36% são naturais de outra freguesia de Aveiro e 15% de outras cidades portuguesas.

Quanto ao agregado familiar, 35% dos sujeitos da amostra possuem famílias com uma composição essencialmente nuclear, 20% apresentam famílias nucleares truncadas, ou seja, sem um elemento do sistema executivo, 13% famílias nucleares alargadas e 14% famílias nucleares truncadas e alargadas. É importante referir que um número significativo de inquiridos vive isolado (9%) e 10% reside no contexto de outro tipo de famílias (com irmãos ou primos de uma só geração).

A maioria dos sujeitos (70%) referiu que o bairro de Santiago não é a sua primeira residência, 30% dos inquiridos mencionou que é autóctone, isto é, que é oriundo da região onde reside, neste caso do Bairro de Santiago. Os motivos económicos estão na origem desta mudança para a maioria dos inquiridos (54%), sendo que os sujeitos referiram ter concorrido no passado para um processo de realojamento com vista a reunir melhores condições de habitabilidade. Verificou-se que 81% dos inquiridos tem habitação arrendada, na sua maioria à Câmara Municipal de Aveiro e ao Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana. Apenas 19% dos inquiridos referiu que residiam em habitação própria.

Finalmente, os indivíduos foram questionados relativamente a qual seria o seu local ideal de residência, tendo-se dividido posições: 46% da amostra respondeu que o bairro é o seu local ideal de residência; 46% da amostra respondeu que gostaria de viver em Aveiro mas noutro local sem ser o bairro; apenas 7,5% respondeu que gostaria de viver noutro local fora de Aveiro.

A relação percebida que o sujeito estabelece com a vizinhança é um indicador relevante no nosso estudo, nomeadamente a proximidade e relação percebida com a vizinhança. Relativamente à proximidade com a vizinhança, 34% dos inquiridos referiu que tem uma relação muito próxima com os vizinhos (“falo com eles todos os dias”) e 31% referiram ter uma relação próxima (“recorro a eles sempre que preciso”), sendo que 33% referiram ter uma relação pouco próxima (“é raro falar com eles”). Apenas 3% dos sujeitos da amostra referiram ter uma relação afastada com a vizinhança (“evito encontrar-me com eles”).

Quando questionados relativamente a quem gostariam de ter como vizinhos em caso de mudança de residência, 65% da amostra referiu que gosta dos vizinhos que tem, independentemente da proximidade percebida com a vizinhança, 31% refere que gostaria de ter outras pessoas conhecidas como vizinhos e 4% refere que gostaria de ter outras pessoas desconhecidas como vizinhos. A maior parte dos sujeitos da amostra gostaria de manter os vizinhos actuais.

Rede de Suporte Social dos Residentes do Bairro de Santiago

Características estruturais da rede de suporte social⁶

O tamanho da rede é um indicador importante quando se estudam os aspectos estruturais da rede de suporte social. Assim, os moradores do bairro de Santiago apresentam em média 10 elementos nas suas redes sociais pessoais (tendo sido a moda de 8 elementos para 13 casos), sendo que a maioria dos indivíduos apresenta uma rede de suporte social com 9 a 14 elementos (51%). A idade dos nossos sujeitos exerce alguma influência no tamanho da rede, verificando-se uma ligeira associação negativa entre o tamanho da rede e a idade da amostra ($r=-0,213$; $p=0,058$).

⁶ Foi utilizado software específico para a avaliação das redes e do eco-mapa, como o UCINET versão 6.164, NetDraw 2.072 e o SmartDraw 2009.

Tabela 3. Características estruturais da rede (n=80)

	<i>n</i>	%	Medidas Descritivas	
Tamanho da rede	2 a 8 elementos	27	33,8	
	9 a 14 elementos	41	51,3	
	15 e mais elementos	12	15	
			Média = 9,56 Desvio-padrão ± 4,73 Mín = 2 Máx = 27 Moda: 8	
Nível de densidade da rede	33,33 - 55,55	12	15	
	55,56 – 77,78	12	15	
	≥ 77,79	56	70	
			Média = 86,11 Desvio-padrão ± 20,30 Mín = 33,33 Máx = 100 Moda: ≥ 77,79	
Densidade da rede	Rede coesa	56	70	
	Rede Fragmentada	24	30	
			Moda: rede coesa	
Tipo de rede quanto à composição	Rede familiar	8	10	
	Rede primária	64	80	
	Rede primária e secundária	8	10	
			Moda: rede primária	
Distribuição: quantidade de quadrantes	Rede com 1 quadrante	8	10	
	Rede com 2 quadrante	33	41,3	
	Rede com 3 quadrante	33	41,3	
	Rede com 4 quadrante	6	7,5	
			Moda: rede com 2 e 3 quadrantes	
Relação percebida com a rede secundária (eco-mapa)	Relação de suporte	65	81,3	
	Fluxo de energia	8	10	
	Relação distante ou fraca	1	1,3	
	Corte relacional	1	1,3	
			Moda: relação de suporte	
	Média	Desvio-padrão	Min - Máx	
Tamanho dos quadrantes da rede	Relações familiares	5	2,86	1 - 17
	Relações de amizade	3,16	2,43	1 - 10
	Relações de vizinhança	2,89	2,29	1 - 12
	Relações de trabalho/ estudo	3,48	2,71	0 - 11
	Relações institucionais	2	1,32	0 - 4
Proporção ocupada pelos quadrantes no tamanho da rede (em percentagem)	Relações familiares	55,41	23,34	17 - 100
	Relações de amizade	29,3	18,37	0 - 80
	Relações de vizinhança	30,53	19,3	9 - 71
	Relações de trabalho/estudo	31,7	17,94	6 - 83
	Relações institucionais	28,13	17,86	12 - 60

Fonte: Dados dos autores.

Quanto à composição da rede, 80% dos sujeitos da amostra apresenta uma rede primária, cujos membros se relacionam com base em vínculos afectivos fora de um quadro institucional (família, amigos, colegas e vizinhos), 10% dos sujeitos apresenta uma rede primária combinada com a rede secundária, que são a combinação das primeiras com as redes secundárias, 10% dos sujeitos inquiridos apresenta redes exclusivamente compostas por vínculos familiares. Na distribuição quanto à quantidade de quadrantes, 41% dos sujeitos da amostra concentra a sua rede em 2 quadrantes e 41% dos sujeitos da amostra apresenta redes com 3 quadrantes, sendo apenas 8% dos que apresentam 4.

As relações familiares são as que têm um peso maior na rede ($M=5$; 55,41%). As relações de trabalho e/ou estudo ($M=3,48$; 31,7%) e as relações de vizinhança, apesar de serem apontados 3 membros em média por rede ($M=2,89$), têm um peso de 31% no tamanho total da rede; as relações de amizade ($M=3,16$; 29,3%) e as relações institucionais são as referidas como menos significativas nas redes da amostra ($M=2$; 28,13%).

Quanto à densidade da rede, que se refere ao grau de conexão entre os membros da rede social pessoal (que pode ser coesa, fragmentada ou dispersa), neste estudo não foram encontradas redes sociais pessoais com

características de rede dispersa. A maioria dos sujeitos da amostra apresenta redes coesas (70%). Cruzando as variáveis temos de assinalar que todas as redes consideradas fragmentadas foram aquelas que tinham níveis de densidade abaixo dos 80% (exclusive).

A densidade da rede permite-nos representar a conexão entre os membros da rede, acedendo qualitativamente à disposição da mesma relativamente ao sujeito central (ego) e dos membros entre si. Como se pode observar nas figuras seguintes.

Figura 1. Representação da rede do caso 11

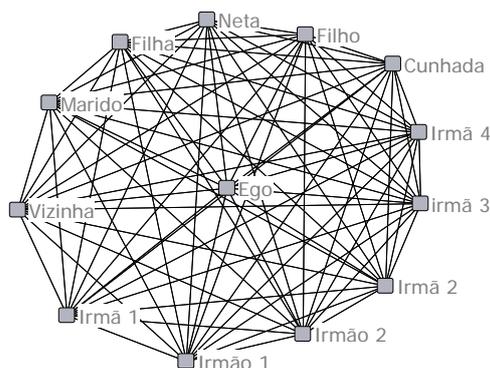
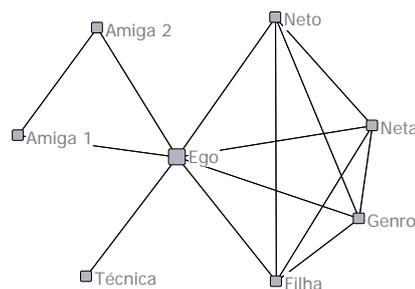


Figura 2. Representação da rede do caso 54



Fonte: Dados dos autores.

Na rede do caso 11 representado na Figura n.º 1 encontramos algumas características estruturais típicas nesta amostra. Este sujeito tem uma rede constituída por 10 elementos, é uma rede coesa com 100% de densidade, composta por dois quadrantes, o das relações familiares e das relações de vizinhança. No caso 54 (Figura n.º2), a rede apresenta uma configuração com um nível de densidade mais baixo (33%) que o apresentado nos exemplos anteriores. Neste caso existe claramente uma distinção entre os três quadrantes (as relações familiares, relações de amizade e relações com os serviços).

O tamanho e a relação percebida que o sujeito estabelece com a sua rede secundária é uma variável importante, não só no sentido de potenciar recursos materiais, instrumentais e informativos, mas também no sentido de permitir um acesso a contactos nas relações formais que poderão activar ou desenvolver não só a rede secundária mas também a primária. O eco-mapa permitiu recolher dados quanto ao tamanho da rede secundária, os sujeitos inquiridos apresentam um tamanho médio de três instituições, correspondendo ao resultado das medidas de tendência central referida pelos moradores na rede secundária ($M=2,90$; $Me=3$; $Mo=3$; $DP=1,499$). Relativamente à relação percebida a maioria dos inquiridos, 81% referem que caracteriza a relação com a rede secundária como de apoio, apenas 10% dos inquiridos caracterizam a relação como fluxo de recursos.

Características funcionais da rede de suporte social

O apoio social percebido na rede foi avaliado com base numa escala de cinco pontos, que reflecte o nível no qual o sujeito refere receber apoio emocional, material e/ou instrumental e informativo dos membros da sua rede. Dos inquiridos, 48% declaram receber muito apoio emocional, 35% declaram receber um apoio moderado e 13% muitíssimo apoio, registando-se um número muito reduzido de sujeitos que referem ter pouco apoio e ninguém ter declarado não receber apoio emocional. Relativamente ao apoio material e/ou instrumental, a maior parte dos inquiridos, 40%, refere receber um apoio moderado, o mesmo se passando com o apoio informativo.

Quanto à reciprocidade do apoio, 43% dos sujeitos referem que dão apoio a alguns membros da rede, 40% referem dar apoio à maior parte dos membros e apenas 1% refere que não dá nenhum apoio às pessoas que constituem a sua rede de suporte social.

Tabela 4. Características funcionais da rede de suporte social (n=80)

			<i>n</i>	%	Medidas descritivas
Nível de suporte social na rede	Nível de suporte emocional	Nenhum	0	0	Moda: muito
		Pouco	4	5	
		Moderado	28	35	
		Muito	38	47,5	
		Muitíssimo	10	12,5	
	Nível de suporte material e/ou instrumental	Nenhum	2	2,5	Moda: moderado
		Pouco	21	26,3	
		Moderado	32	40	
		Muito	22	27,5	
		Muitíssimo	3	3,8	
	Nível de suporte informativo	Nenhum	0	0	Moda: moderado
		Pouco	11	13,8	
		Moderado	34	42,5	
		Muito	31	38,8	
		Muitíssimo	4	5	
Reciprocidade funcional na rede	Não dá apoio a nenhuma destas pessoas	1	1,3	Moda: Dá apoio à maior parte destas pessoas	
	Dá apoio a muito poucas destas pessoas	2	2,5		
	Dá apoio a poucas destas pessoas	11	13,8		
	Dá apoio a algumas destas pessoas	34	42,5		
	Dá apoio à maior parte destas pessoas	32	40		

Fonte: Dados dos autores.

Características contextuais da rede de suporte social

Os inquiridos declaram contactar os membros da sua rede diariamente (49%), situando-se a média da frequência de contactos com os elementos da rede entre os contactos diários e os contactos algumas vezes por semana ($M=1,56$; $Me=2$). Nas relações familiares, a média de frequência de contactos é diária, assim como nas relações de trabalho e/ou estudo e nas relações de vizinhança. Nas relações de amizade e nas relações institucionais é de algumas vezes por semana.

Quanto à dispersão geográfica da rede, 54% dos elementos da rede social do sujeito residem no bairro de Santiago, sendo geograficamente próxima do sujeito.

Tabela 5. Características contextuais da rede (n=80)

		<i>n</i>	%	Medidas descritivas
Dispersão geográfica	Na mesma casa	5	6,30	
	No bairro de Santiago	43	53,8	
	Em Aveiro	32	40,0	Moda: No bairro
	Arredores de Aveiro	0	0,0	Santiago
	Fora de Aveiro	0	0,0	
Frequência de contactos	Diariamente	39	48,8	
	Algumas vezes por semana	37	46,3	
	Semanalmente	4	5,0	Moda: diariamente
	Algumas vezes por mês	0	0,0	
	Algumas vezes por ano	0	0,0	
		Média	Desvio-padrão	Min - Máx
Frequência de contactos por quadrante	com as relações familiares	1,46	0,69	1 - 4
	com as relações de amizade	1,89	0,80	1 - 4
	com as relações de trabalho e/ou estudo	1,15	0,37	1 - 2
	com as relações de vizinhança	1,38	0,53	1 - 3
	com as relações institucionais	2,38	0,92	1 - 4

Fonte: Dados dos autores.

Resultados dos Testes às Hipóteses

Testámos algumas hipóteses formuladas a partir do modelo de análise do estudo, sendo apresentados os seus resultados sumariamente:

a) O tamanho do quadrante das relações de vizinhança na rede é proporcional à idade. Fomos avaliar se o tamanho do quadrante das relações de vizinhança na rede se associa à idade, tendo-se verificado uma associação positiva entre estas variáveis ($r=0,279$; $p=0,057$), o que significa que, quanto mais velhos são os nossos sujeitos, maior é o tamanho do quadrante das relações de vizinhança na rede de suporte social dos moradores do bairro de Santiago.

b) O tamanho do quadrante das relações de vizinhança associa-se positivamente ao tempo de residência no bairro. Analisámos também a associação entre o tamanho do quadrante das relações de vizinhança e o tempo de residência no bairro, verificando-se a existência de uma associação positiva, embora fraca, entre estas variáveis, o que significa que, quanto maior for o tempo de residência dos sujeitos da amostra no bairro, maior será o tamanho do quadrante das relações de vizinhança. No entanto, associação não é significativa ($r=0,191$; $p=0,198$), rejeitando-se a hipótese colocada.

c) Os sujeitos que têm uma actividade produtiva apresentam um quadrante das relações de vizinhança menor do que os que não têm. Partimos da ideia de que o facto de os sujeitos terem uma actividade produtiva pode determinar o tamanho do quadrante das relações de vizinhança que estes desenvolvem no bairro. Verificámos que as medidas de tendência central do tamanho do quadrante das relações de vizinhança são maiores nos indivíduos que não desempenham uma actividade produtiva ($M=3,20$; $Me=3$; $DP=2,60$; $Min=1$; $Max=12$) do que nos que desempenham uma actividade produtiva ($M=2,35$; $Me=2$; $DP=1,54$; $Min=1$; $Max=6$); no entanto, tais diferenças não são significativas ($U=203,5$; $p=0,226$), rejeitando-se esta hipótese.

d) Os que consideram o bairro como local ideal de residência apresentam redes maiores. Verificámos que as medidas de tendência central do tamanho da rede social para os indivíduos que gostam de residir no bairro são maiores ($M=9,97$; $Me=9$; $DP=4,94$; $Min=4$; $Max=27$) do que as dos sujeitos que preferiam residir noutra local da cidade ($M=9,32$; $Me=8$; $DP=4,85$; $Min=2$; $Max=25$) ou arredores ($M=8,50$; $Me=8,50$; $DP=2,43$; $Min=5$; $Max=12$), não sendo no entanto as diferenças significativas estatisticamente ($H=0,558$; $p=0,416$), rejeitando-se a hipótese colocada.

e) A frequência de contactos com as relações de vizinhança associa-se positivamente à relação percebida com a vizinhança. Verificámos que, apesar da correlação entre as variáveis não ser significativa e a hipótese rejeitada ($r=-0,132$; $p=0,378$), é importante referir que os sujeitos da amostra que percebem uma relação mais positiva com os vizinhos são os que apresentam uma maior frequência de contactos com a vizinhança.

Com base nos resultados às hipóteses estudadas, podemos afirmar que as características da rede de suporte social e as características sociodemográficas, socioprofissionais, de residência e da relação percebida com a vizinhança desta amostra apresentam uma ligeira tendência de associação positiva.

Discussão de Resultados e Conclusões

Os bairros, tal como os outros sistemas, têm de ser equacionados na sua complexidade. Na revisão da literatura, a exclusão territorial é entendida como uma situação em que não só as pessoas são excluídas, mas a própria região onde vivem. No Bairro de Santiago em Aveiro, parece persistir tal situação, o que não significa que o seu residente perca as suas referências simbólicas, como a identidade social e o sentimento de pertença ao bairro. Tendo em conta o universo complexo que constitui o bairro, podemos discutir, a partir dos resultados do estudo, algumas das particularidades deste sistema, nomeadamente as características das redes de suporte social dos seus moradores, assim como as suas relações de vizinhança.

A situação actual de residência dos moradores revela que uma grande parte dos inquiridos é natural da freguesia da Glória, na qual se situa o Bairro de Santiago, sendo que os que não são naturais do bairro são, na sua maior parte, de outra freguesia de Aveiro, o que revela que não há uma grande dispersão geográfica relativamente à origem dos moradores inquiridos. O tempo médio de residência no bairro é de 15 anos, vivendo a maior parte há pelo menos 16 e há menos de 20 anos, o que revela a pouca mobilidade residencial desta população. A maior parte das casas dos sujeitos é da responsabilidade da Câmara Municipal de Aveiro, o que está na origem do processo de realojamento levado a cabo pela divisão de Habitação Social da Câmara Municipal de Aveiro, devido a situações de precariedade económica e habitacional, sendo estas as principais razões apontadas para a inserção no bairro, seguidas dos motivos familiares.

A rede social pessoal do sujeito é sobretudo equacionada como fonte de apoio para este. Num território marginalizado e excluído da cidade dominante, parece-nos importante perceber as características estruturais, funcionais e contextuais deste apoio social. Relativamente às características estruturais da rede de suporte social dos residentes do bairro de Santiago, a maior parte dos sujeitos da amostra apresenta uma rede com 9 a 14 elementos, configurando redes pequenas, abaixo da rede tida como média, que, segundo Sluzki (1996) e Alarcão e Sousa (2007), pode ser considerada a mais efectiva do ponto de vista do apoio prestado. Embora não existam estudos suficientes na população portuguesa sobre esta variável, estas autoras referem que uma rede de tamanho médio terá entre 13 a 20 elementos, na população em geral, já Guadalupe (2000) indica os 19 elementos como tamanho médio. Os moradores mais novos do bairro apresentam redes de suporte maiores, no entanto, os mais velhos são os que apresentam quadrantes das relações de vizinhança maiores. Também encontramos uma associação positiva entre o tamanho do quadrante das relações de vizinhança e o tempo de residência no bairro, sendo que os que consideram o bairro como local ideal de residência apresentam redes de suporte maiores.

A distribuição da rede segundo os quadrantes dar-nos-á a indicação da proporção ocupada pelos membros que compõem a rede localizada em cada um deles. No caso da nossa amostra, a maioria das redes é composta pela

rede primária, onde as relações familiares têm uma proporção maior relativamente aos restantes quadrantes, apresentando a maioria dos inquiridos 2 ou 3 quadrantes, o que permite uma expansão e exploração de recursos na rede um pouco maior. Segundo Guadalupe (2009), as redes, quando são muito localizadas num determinado quadrante, tendem a ser menos flexíveis e efectivas, pois apresentam menos opções do que aquelas que se estendem pelos vários quadrantes, fazendo com que as pessoas se sintam muito dependentes entre si, sobrecarregando os seus elementos. No entanto, a autora refere que, quando as redes são alargadas ou demasiado amplas, quando homogéneas, podem demonstrar maior inércia. Na nossa amostra a média de quadrantes revela que estas redes não são nem pouco flexíveis nem pouco efectivas, apesar de existirem casos em que as redes apresentam apenas um quadrante, normalmente o da família, e outras em que a rede se divide pelos quatro quadrantes, notando-se mais dispersão da conexão nestes casos.

Relativamente à tipificação a partir da conexão entre os membros de uma rede, observou-se que a maior parte das redes são coesas (70%), aquelas que, segundo Sluzki (1996) e Alarcão e Sousa (2007), são compostas por um grupo fortemente interligado de pessoas; encontramos uma percentagem mais pequena de redes fragmentadas (30%), compostas por pequenos subgrupos relativamente independentes uns com os outros, muitas vezes situados num ou noutro campo da rede, sendo os contactos entre os membros de diferentes subgrupos são pouco frequentes e a conexão entre os membros é rara; não se encontraram redes dispersas nesta amostra.

A densidade da rede a nível qualitativo pode tida como baixa, média ou alta. Sluzki (1996) refere ser o nível médio o que favorece a máxima efectividade do grupo, pois é aquele que permite a comparação entre as impressões e opiniões trocadas, sendo referidas como fomentando em maior medida o bem-estar dos indivíduos por apresentarem características que facilitam a adaptação à mudança (Sluzki, 1996; Guadalupe, 2009). Os níveis altos de densidade encontrados são associados à ideia de conformidade dos seus membros às regras da comunidade, podendo levar à exclusão o membro que se desvia das normas (Sluzki, 1996) e dificultar a diversificação de vínculos e recursos e o acesso a contactos importantes fora do bairro. Quando comparamos as características estruturais com o nível de instrução dos sujeitos da amostra encontramos menores níveis de densidade das redes nos sujeitos com mais habilitações, levando-nos a pensar que os residentes mais jovens e com maior nível de instrução são aqueles que têm redes maiores, com mais quadrantes e menor densidade, características associadas provavelmente às relações que este grupo etário estabelece fora do bairro.

Relativamente às características funcionais das redes, concluiu-se que a amostra percebe um nível elevado de apoio ao nível emocional, que é caracterizado geralmente por trocas que comportam atitudes emocionais positivas e um clima de compreensão, simpatia, empatia, estímulo e apoio, o que pressupõe a existência de relações de intimidade e proximidade. Relativamente ao apoio ao nível material e/ou instrumental e ao apoio informativo a amostra percebe um apoio moderado. O primeiro revela-se pelo conjunto de acções ou materiais que facilitam a realização das tarefas quotidianas, o segundo refere-se à partilha de informações pessoais ou sociais entre os membros, assim como mostrar novas formas de pensar e agir perante a expectativa de acção futura. No nosso estudo verificamos que os sujeitos que percebem maior reciprocidade de apoio na rede social apresentam maior proximidade com as relações de vizinhança, no entanto não conseguimos verificar esta hipótese, o que nos leva a crer que independentemente das funções do apoio e da sua reciprocidade, as relações de vizinhança são fundamentais para os residentes deste bairro.

Quando nos reportamos às propriedades específicas da dimensão contextual (dispersão geográfica da rede e frequência de contactos entre os elementos), percebemos que os inquiridos contactam diariamente com a maior parte dos elementos da rede e que estes residem na sua maior parte no Bairro de Santiago. Tal leva-nos a pensar mais uma vez na importante conexão estabelecida nos vínculos dentro do bairro e na homogeneidade presente nas relações destes indivíduos, pois existem similitudes patentes nos membros da rede em dimensões como atitudes, experiências e valores, o que vai de encontro às ideias de Chadi (2000). As funções de suporte favorecem a socialização do indivíduo, no entanto a integração pode aqui ser equacionada paradoxalmente, na medida em que a integração num bairro considerado um território excluído pode constituir igualmente uma forma de exclusão social relativamente à comunidade em geral.

Ainda relativamente à frequência de contactos verificou-se que existe uma associação positiva com a relação percebida com a vizinhança, ou seja, associada a estes contactos frequentes está uma relação próxima e efectiva

com os vizinhos. Podemos afirmar que as características físicas dos “comboios amarelos” do Bairro de Santiago, como a forma e a estrutura, são um factor determinante não só para uma elevada frequência de contactos mas também para uma maior proximidade com a vizinhança. Muitos residentes chegaram mesmo a referir aquando dos inquéritos que conheciam as famílias todas do seu prédio.

Quando analisamos a dispersão geográfica dos membros da rede por quadrantes, concluímos que a família dos nossos sujeitos tende a residir na mesma casa, tratando-se de famílias nucleares, os vizinhos no bairro assim como as instituições a que recorrem, no entanto, as relações de amizade e de trabalho ou estudo concentram-se em áreas geograficamente mais distantes, o que nos leva a crer que, em eventual situação de crise, a distância a que se encontram as relações familiares, de vizinhança e institucionais podem ser fundamentais na activação da rede de suporte social. As relações de amizade e de trabalho ou estudo parecem apresentar possibilidades de integração social noutros contextos que rompam com os contextos mais restritos do bairro social.

Segundo Soczka e Nunes (1989) as redes sociais de suporte promovem o sentimento de ser amado e valorizado, e a pertença a teias de comunicação e obrigações recíprocas levam os residentes do bairro a escapar ao isolamento e ao anonimato, que foi o que verificamos ao longo desta investigação. Assim, as redes de suporte social devem funcionar como redes de relações, de competências e de serviços permitindo que exista uma coesão que dê lugar a relações integradas de forma a respeitar as individualidades. Portanto, o grupo de residentes encontra nas suas teias relacionais muito mais do que suporte, encontram identidade, o que para alguns pode funcionar como um factor integrante no bairro, no entanto, como foi referido anteriormente, poderá também, perversamente, aumentar o sentimento de exclusão social do indivíduo face à comunidade fora do bairro.

Segundo Chadi (2000) as redes sociais institucionais, como vimos na revisão da literatura, podem ser definidas como organizações constituídas para cumprir com objectivos específicos, que satisfazem necessidades particulares e pontuais, que são canalizadas dentro de organismos criados especificamente para esses fins. Quanto à rede secundária da amostra a maioria dos indivíduos refere ser apoiado por uma média de três instituições na sua rede secundária, muitos referiram a IPSS Florinhas do Vouga, mas também encontramos sujeitos que referiram o Hospital, o Centro de Saúde, a Câmara Municipal de Aveiro, Igrejas, Associações Desportivas, Escolas, etc. Quando questionados relativamente à relação percebida com as entidades que compõem a rede secundária, 65% dos inquiridos referem que se caracterizava por uma relação de apoio, e não tanto por uma troca de serviços, assim percebe-se que a intervenção institucional ajuda o indivíduo no sentido da obtenção de recursos para cumprir algumas funções, recursos estes nos quais a rede primária é pobre ou escassa. Geralmente, quanto maior for a desconexão na rede primária, maior será a presença institucional na rede do indivíduo, pois a falta de uma rede primária estruturada empobrece o acesso aos recursos, sendo esta lacuna compensada pela rede secundária (idem), que é o que se observa na rede dos moradores do bairro de Santiago, daí a importância dos serviços presentes neste bairro.

Relativamente a esta ideia, Portugal (2009) refere que a “centralidade do papel das redes sociais no acesso aos recursos é preponderante no caso do emprego mas revela-se mesmo quando outras esferas de produção de bem-estar parecem dominar, como é o caso do mercado, na habitação, ou do Estado, nos cuidados de saúde” (Portugal, 2009, p.144). A autora acrescenta que esta centralidade é importante não só porque proporciona a circulação de apoios materiais e afectivos, serviços, ajudas financeiras, bens materiais, mas, também, “interacções entre as diferentes esferas da acção social ‘a família’, ‘o mercado’, ‘a economia’, ‘o Estado’, ‘as instituições’ são contactos realizados no interior de redes pessoais de relações sociais” (idem), assim, se para uns recursos a rede se centra nos ‘laços fortes’ e de parentesco, para outros, os ‘laços fracos’, assim chamados pela autora os vínculos decorrentes da rede secundária, são essenciais para garantir a provisão das necessidades.

Rodrigues, Pires, Ribeiro, Pereira e Hespanha (2002) referem que a sociedade providência tem respondido às carências das famílias e colmatado, em grande parte, o défice da provisão estatal. No entanto, Hespanha, Damas, Ferreira, et al. (2002), num estudo com 94 famílias que se encontravam em situação de ‘risco social’, apontam para a existência de enormes limitações da sociedade providência no apoio a estes agregados, pois “os factores que atingiram os indivíduos na sua capacidade de resposta, afectaram igualmente as suas redes de solidariedade primárias”, fragilizando-as e enfraquecendo-as na sua potencialidade de suporte. Numa comunidade em que encontramos um acumular de riscos e problemas sociais, como é o caso do bairro do presente estudo, não vamos

encontrar nas redes primárias recursos suficientes para colmatar as situações de privação destes cidadãos, no entanto, estes autores referem que, apesar da escassez de recursos, a entreatajuda e partilha para apoiar os que mais necessitam configuram fortes redes de solidariedade, surpreendentes no contexto de pobreza em que acontecem (idem).

De acordo com a classificação apresentada por Wellman e Leighton (1979), podemos considerar o bairro de Santiago, quanto ao seu tipo de redes sociais, uma *Community Saved* (idem), pois apresenta redes de sociabilidade e suporte fortes. As redes neste tipo de comunidade tendem a ser muito densas e homogéneas, embora, nalguns casos, possam existir relações fora do bairro, como se observa na rede dos moradores do Bairro de Santiago. No entanto, ao contrário da *Community Saved* descrita por estes autores, os nossos residentes não são capazes de se auto-organizar, nomeadamente perante as situações de pobreza vividas, factor que levará a entender a concentração dos serviços de apoio social neste território. Podemos mesmo afirmar que este tipo de redes gera mais fechamento ao exterior e apresentam movimentos centrípetos, o que pode bloquear a acção de mecanismos geradores de mudança e a perpetuação e reprodução de situações de empobrecimento e de exclusão social.

As estratégias de intervenção neste bairro, dada a tipologia acima mencionada, deverá ter em conta uma perspectiva centrada no empoderamento, permitindo um “processo de reconhecimento, criação e utilização de recursos e de instrumentos pelos indivíduos, grupos e comunidades, em si mesmos e no meio envolvente, que se traduz num acréscimo de poder” (Pinto, 1998: 247), permitindo assim favorecer a efectiva participação destes cidadãos na vida social, económica, política e cultural e, desta forma, uma distribuição mais equitativa e justa dos recursos.

Portugal (2007) refere, sobre este tema, que a inserção do indivíduo numa estrutura de redes, embora de certa forma condicionada pela sua posição na estrutura social, garante sempre um certo grau de liberdade na escolha de estratégias de acção, o que possibilita uma deslocação na estrutura social, possibilitando aos indivíduos aceder a ‘mundos’ que de outra forma estão vedados no acesso no interior das relações mais próximas.

Ao longo desta investigação percebemos que este bairro social, à semelhança do que tem sido descrito relativamente aos bairros sociais, encerra em si uma história frequentemente estigmatizante para os seus moradores. Embora os técnicos interventores neste bairro afirmem que este “está melhor ao nível de problemas sociais do que há uns anos atrás”, não deixa ser identificado como uma área habitacional degradada, descrito através das suas tensões e conflitos entre moradores e com o exterior, tráfico e consumo de droga, e pobreza. Embora os especialistas em habitat urbano façam distinções entre vários tipos de bairros sociais e evitem a identificação destes a áreas habitacionais degradadas (Fernandes, 1997), é evidente o poder redutor da etiqueta ‘bairro social’.

Uma das constatações que se verificou ao longo deste trabalho foi o facto dos habitantes se diferenciarem no que toca à relação com o bairro. Se existe um grupo que refere que o bairro é o seu local ideal de residência, por diversos motivos (centralidade na cidade, o que permite um acesso facilitado a serviços, até à relação muito próxima que têm com os vizinhos), chegando a referir que, mesmo que mudassem de habitação, preferiam manter os vizinhos que têm agora, há outro grupo, igualmente expressivo, que refere que gostaria de residir noutro local em Aveiro fora do bairro, apesar de admitirem que têm uma relação próxima com os vizinhos.

Comparando o estudo das relações de vizinhança no Bairro de Santiago com a investigação de Soczka (1988), realizado a uma amostra de 46 famílias (111 indivíduos) da Musgueira Sul, também os moradores do nosso bairro apresentam opiniões positivas em relação ao bairro e ao seu ambiente. Assim, percebe-se que existe um sentimento de segurança relativamente ao bairro, enquanto comunidade assente em redes de vizinhança. Esta situação realça a importância da relação entre vizinhos que se manifesta na população entrevistada, relação esta que se traduz pela existência de redes de suporte na vizinhança, que Soczka (1988: 328) descreve como “redes informais assentes em grupos vivendo em grande proximidade espacial”. O mesmo autor refere ainda que uma comunidade de vizinhança assente numa rede de relações sociais estáveis implica a apropriação colectiva de um espaço referenciado que é identificador do grupo de vizinhança (idem). De facto, o estudo desenvolvido pelo autor verificou que existe a tendência, em condições sociais definidas, para as pessoas transformarem as relações

de vizinhança em relações de amizade, eventualmente até em relações de parentesco. De facto, na inquirição foi frequente a confusão dos indivíduos da nossa amostra ao separar o quadrante da vizinhança do das relações de amizade. Isto permite que a comunidade construa para si própria uma identidade social que pode ser vista como uma microcultura urbana, que foi o que observámos no nosso estudo. Este estudo permite-nos verificar que a influência da proximidade geográfica constitui um importante factor no estabelecimento de laços e vinculações afectivas que, no caso das relações de vizinhança, constituem um elemento determinante para as redes sociais urbanas.

Passamos de seguida a sublinhar algumas conclusões, assim como a pensar as implicações possíveis a partir do presente estudo.

Uma visão fundada na complexidade, obriga-nos a afirmar que este estudo não se esgota em si mesmo e, apesar de dar algum sentido ao tipo de intervenção que os técnicos que trabalham neste contexto poderão levar a cabo, muitos outros temas podem e devem ser aprofundados.

Rodrigues, Pires, Ribeiro, Pereira e Hespanha (2002), partindo de uma investigação realizada na região Norte do país pelo Observatório Permanente de Desenvolvimento Social, tentaram obter um conhecimento mais aprofundado acerca dos problemas sociais existentes no concelho de Aveiro e das respostas que lhes são dadas, nomeadamente relativamente a questões relacionadas com a dependência (idosos, crianças, deficientes, desempregados) e habitação, assim como com a capacidade de resposta familiar, e o apoio institucional e informal na resolução dos problemas das populações. Estes autores concluíram que, de modo geral, a função social da família atribui um peso mais relevante e poderoso que as próprias instituições, portanto será importante potencializar os esforços familiares com uma actuação colaborante das instituições e da comunidade em geral.

Neste âmbito, sendo a investigadora assistente social, considera-se que se torna fundamental proporcionar não só o incremento do apoio institucional em Aveiro, que passa pelo aumento dos apoios económicos, o estabelecimento de parcerias interinstitucionais, a dinamização da solidariedade comunitária, a implementação de medidas de incentivo à habitação, emprego e melhoria dos serviços de saúde, mas também dotar as famílias e a comunidade de instrumentos para se tornarem auto-suficientes e autónomas para responder em situações de crise. O “assistente social deve inserir as suas intervenções num movimento de mudança social (...) a fim de serem alteradas as estruturas causadoras de injustiça e desigualdade” (Faleiros, 1993), o indivíduo deve ser entendido como “construtor e transformador do mundo e de si mesmo” (Pinto, 1998: 264).

Neste sentido a intervenção carece de uma expansão alargada da concepção de cidadania, permitindo uma construção social dinâmica que reporte a um conjunto de direitos e deveres que o cidadão possui enquanto membro de uma sociedade, uma consciencialização e activação da democracia participativa, nomeadamente através de organizações de poder local, associações de utentes de determinados serviços, iniciativas de solidariedade social, entre outras, que proporcionam aos residentes locais uma maior responsabilização na tomada de decisões que dizem respeito ao bairro e aumenta o sentido de pertença e coesão.

Se pensarmos nos resultados deste estudo, podemos perceber que, apesar das problemáticas já enunciadas, que não devem ser ignoradas, as ‘soluções’ para estes problemas não passam por retirar os indivíduos do seu ambiente, mas sim por criar condições de habitabilidade e de qualidade de vida no bairro, e desenvolver os vínculos que os indivíduos estabelecem com a vizinhança, mantendo o bairro aberto a relações com o exterior.

O que nos parece importante reter deste estudo é que, independentemente do contexto onde reside o indivíduo, a sua rede de suporte social constitui um aspecto fundamental para a sua inserção e vida num determinado meio. No contexto de bairro, as redes tendem a ser mais focadas no seu interior podendo criar homogeneidade nos seus contactos; logo, acreditamos que qualquer intervenção focada neste bairro deveria contemplar, a par de outras estratégias, intervenções em rede voltadas para um desenvolvimento e envolvimento comunitário colectivo, visto que, como se verificou, as redes de vizinhança são efectivas e um recurso potencial pouco explorado pelas instituições.

BIBLIOGRAFIA

- Alarcão, M., Sousa, L. (2007), “Rede social pessoal: do conceito à avaliação”, *Psychologica*, n.º 44, pp. 353-376.
- Bott, E. (1990 [1971]), *Família e red social*, Madrid, Altea Taurus.
- Chadi, M. (2000), *Redes sociales en el trabajo social*, Argentina, Espacio Editorial.
- Faleiros, V. (2002), *Estratégias em Serviço Social*, São Paulo, Cortez Editora.
- Fernandes, L. (1997), “Etnografia urbana das drogas e do crime”, *Droga-crime, estudos interdisciplinares*, n.º 10, Lisboa, Gabinete de Planeamento e de Coordenação do Combate à Droga.
- Guadalupe, S. (2000), “Singularidade das redes e redes da singularidade: rede social pessoal e saúde mental”, Dissertação de Mestrado, Coimbra, Instituto Superior Miguel Torga.
- Guadalupe, S. (2009), *Intervenção em rede. Serviço social, sistémica e redes de suporte social*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Hartman, A., Laird, J. (1983), *Family-centered social work practice*, New York, Free Press.
- Hespanha, P., Damas, A., Ferreira, A.C., Nunes, M.H., Hespanha, M.J., Madeira, R., Hoven, R., Portugal, S. (2002), “Globalização insidiosa e excludente. Da incapacidade de organizar respostas à escala local” in P. Hespanha, G. Carapinheiro (Eds.), *Risco social e incerteza: pode o Estado recuar mais?*, Porto, Afrontamento, pp.26-54.
- Lacroix, J-L. (1990), *L'individu, sa famille et son réseau: les thérapies familiales systémiques*, Paris, ESF.
- Morval, J. (2007), *Psicologia Ambiental*, Lisboa, Instituto Piaget.
- Pinto, C. (1998), “Empowerment: uma prática de Serviço Social” in O. Barata, (ed.), *Política Social*, Lisboa, UTL/ISCSP, pp.245-278.
- Portugal, S. (2007), “Contributos para uma discussão do conceito de rede na teoria sociológica”, *Science* (271), Disponível em <http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/271/271.pdf>.
- Portugal, S. (2009), “As coisas, os modos e os laços: O papel das redes informais na provisão de recursos”, Actas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia, Disponível em http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR4628d175704f4_1.pdf.
- Ribeiro, J. L. P. (1999), *Investigação e avaliação em psicologia e saúde*, Coimbra, Climepsi.
- Rodrigues, S., Pires, S., Ribeiro, C., Pereira, S., Hespanha, P. (2002), “Os problemas sociais e as respostas disponíveis no concelho de Aveiro”, Actas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia, Disponível em http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR4611848bb71c5_1.pdf.
- Sebastião, J. (1995), “Modos de vida marginais: o caso das crianças da rua de Lisboa”, *Infância e Juventude* n.º 2, pp.18-25.
- Silva, J. A. (2001), “As redes sociais e o percurso na toxicodependência. O tratamento como Instrumento de Reinserção”, *Toxicodependências I*, n.º 7, pp.23-34.
- Sluzki, C. (1996), *La red social: frontera de la practica sistémica*, Barcelona, Gedisa Editorial.

Soczka, L., Nunes, J. (1989), “Redes sociais de suporte e etiopatogenia do enfarte de miocárdio em meio urbano”, *Psicologia VII*, n.º 2, pp.157-166.

Soczka, L. (1988), “Ecologia social do risco psicológico em meio urbano”, *Psicologia VI*, n.º 3, pp.207-346.

Soczka, L., Boavida, E., Machado, P., Pereira, A. (1985), *Ecologia social da Musgueira I*, Lisboa, LNEC.

Soczka, L., Boavida, E., Machado, P., Freitas, M. J., Pereira, A. (1987), *Ecologia social da Musgueira II*, Lisboa, LNEC.

Wellman, B., Leighton, B. (1979), “Networks, neighborhoods, and communities: Approaches to the study of the community question”, *Urban Affairs Quarterly*, IV, n.º 13, pp.363-390.

Wellman, B. (1996), “Are personal communities local? A dumptarian reconsideration”, *Social Networks* n.º 18, pp.347-354.